



O CRONOTOPO DO GÊNERO *CARTA DE CONSELHOS*: IMAGENS DO TEMPO, DO ESPAÇO E DA AUTORIA

Rodrigo Acosta-Pereira¹

RESUMO: Objetivamos apresentar uma discussão em torno do cronotopo do gênero jornalístico *carta de conselhos*, publicado em revistas virtuais. Para tanto, recuperamos os escritos do Círculo de Bakhtin e as investigações contemporâneas em sociologia sob o olhar de Giddens. Os dados são formados por 30 (trinta) exemplares do gênero, publicados nas revistas *online Claudia, Nova e Veja*, no período de 10 a 17 de março de 2010. Inicialmente, observamos que, na contemporaneidade, o jornalismo de revista *online* tem se caracterizado como um jornalismo de revista especializado, seguindo caminhos discursivos múltiplos, dentre eles o do entretenimento e da autoajuda. Em relação ao grande cronotopo, pudemos compreender que a carta de conselhos se constitui nas condições sócio-históricas da modernidade tardia, um tempo-espço da angústia existencial, da cultura de riscos e da busca incessante por respostas para os problemas da vida social. Acerca do pequeno cronotopo do gênero, a situação social de interação, constatamos que a posição de autoria é discursivamente construída por profissionais de diferentes esferas de atuação que assinam as cartas e que são denominados pelas revistas como conselheiros ou articulistas. Quanto ao interlocutor previsto, entendemos que é o leitor da revista, um sujeito interessado em saber sobre os problemas íntimos do outro e as soluções propostas para esses problemas (que inclusive podem se projetar como seus). A partir desses resultados acerca da cronotopia, interpretamos o gênero *carta de conselhos* como um gênero híbrido perpassado pelos discursos do jornalismo de entretenimento e de autoajuda.

PALAVRAS-CHAVE: Círculo de Bakhtin; Cronotopo; gênero *carta de conselhos*.

ABSTRACT: We aim at presenting a theoretical discussion concerning the online *advice letter* discourse genre chronotope. To do so, we review Bakhtin's Circle studies as well as the sociological researches from Giddens' perspective. The data is formed by 30 (thirty) instances of advice letter discourse genre published on online magazines: *Claudia, Nova and Veja* during March 10th to 17th, 2010. Initially, we analyze the social dimension of the genre, focusing on the social sphere and its chronotope. We observe that contemporary journalism of online magazines has been characterized as specialized journalism, following multiple discursive paths, among them entertainment and self-help. In relation to the broad chronotope, we perceive that advice letters are constituted in the socio-historical conditions of late modernity, a space-time of existential anxiety, within the culture of risks and the incessant search for answers to problems of social life. With regard to the narrow chronotope of the genre advice letters, in the social situation of interaction, we found that the authorial position is discursively constructed by professionals of different spheres of performance that sign the letters, who are called advisors or articulators by the magazines. As for the prospective interlocutor, we understand him or her as the reader of the magazine, a subject interested in knowing about the intimate problems of others and the

¹ Doutor em Linguística. Professor de Linguística Aplicada na UFSC -CCE-DLLV.



solutions proposed for these problems (that, in fact, may be projections of their own). From these results about the genre chronotope, we understand the advice letter as a hybrid discourse genre permeated by the discourse of entertainment and self-help journalism.

KEY-WORDS: Bakhtin's Circle; chronotope; *advice letter* discourse genre

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, apresentamos uma discussão sobre a cronotopia do gênero *carta de conselhos*. Para tal, iniciamos com a abordagem do conceito de cronotopo e a análise do cronotopo da carta, articulado com sua esfera de atividade e visto à luz da modernidade tardia. Em seguida, apresentamos o estudo do cronotopo do gênero *carta de conselhos* em articulação com a situação social de interação imediata e os participantes da interação. Em termos teórico-epistemológicos, retomamos os escritos do Círculo de Bakhtin (BAKHTIN/MEDVEDEV, 1986[1928]; BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006 [1929]; BAKHTIN, 1998[1975]; 2003[1979]; 2004[1924]; 2008a[1963]; 2008b[1965]; 2010[1920/1924]), assim como os estudos em sociologia sob o olhar de Giddens (1991; 1993; 1997; 2002; 2010), procurando, nesse diálogo, compreender o “uso da linguagem e do discurso” (ROJO, 2006, p. 258), interpretar os sentidos que emanam ao auscultar o outro (ACOSTA-PEEIRA; SOUZA, 2011) e inserirmo-nos no campo das pesquisas de Linguística Aplicada (LA) contemporâneas que visam à “transdisciplinaridade como a leveza de pensamento necessária para compreender, interpretar e interferir nas realidades complexas representadas pelas práticas sociais situadas” (ROJO, 2006, p. 259).

2 O cronotopo na perspectiva do Círculo de Bakhtin

A noção de cronotopo é apresentada por Bakhtin principalmente em dois textos, “O cronotopo em Rabelais” (1998[1975]) e “O tempo e o espaço nas obras de Goethe” (2003[1979]). De acordo com Bakhtin (1998[1975]; 2003[1979]), o **cronotopo é a porta de entrada para o estudo dos gêneros**, uma vez que ele funciona como o **centro de organização dos acontecimentos espaço-temporais**. Rodrigues (2001), a esse respeito,



afirma que cada gênero do discurso situa-se em um determinado cronotopo, pois o gênero engendra-se em determinado horizonte espacial, temporal, temático e valorativo (axiológico, apreciativo, avaliativo); possui recortes ideológicos específicos e apresenta posições de autoria e de destinatários próprios. Entendemos, dessa forma, que cada gênero possui uma orientação espaço-temporal diferente, um cronotopo particular, à medida que cada um é determinado por condições sociais específicas. A esse respeito, Bakhtin (2003[1979]) pontua que

A capacidade de ver o tempo, de ler o tempo no todo espacial do mundo e, por outro lado, de perceber o preenchimento do espaço não como um fundo imóvel e um dado acabado de uma vez por todas, mas como um todo em formação, como acontecimento; é a capacidade de ler os **indícios do curso do tempo** em tudo, começando pela natureza e terminando pelas regras e ideias humanas (até conceitos abstratos). (BAKHTIN, 2003[1979], p. 225, grifo do autor).

Ao elaborar suas considerações sobre o cronotopo nas obras de Rebelais e Goethe, Bakhtin (1998[1975]; 2003[1979]) busca entender os possíveis entrelaçamentos entre indícios culturais e históricos que se pautam sob o âmbito da cronotopia. Bakhtin objetiva compreender como o cronotopo reflete e refrata organizações, instituições, esferas, nações e grupos sociais.

Amorim (2004), a respeito do conceito de cronotopo em Bakhtin, explica que essa concepção se refere ao equilíbrio que se instaura entre os horizontes espacial e temporal. Segundo a autora, Bakhtin ressignifica o conceito de cronotopo da Matemática e da Teoria da Relatividade de Einstein, pretendendo delinear como se articula no discurso a indissolubilidade entre o espaço e o tempo. Contudo, lembra a autora que o conceito de cronotopo na perspectiva dialógica não procura compreender o funcionamento estrutural dos corpos, como na Física de Einstein, mas nas relações que os sujeitos possam potencialmente construir e significar uns com os outros no tempo e no espaço. Para Machado (2010, p. 204), Bakhtin “apresenta uma alternativa de compreensão do movimento fora do domínio da mecânica e dentro do contexto das respostas humanas.”

A autora ainda nos explica que o contínuo espaço-tempo está intimamente relacionado com a noção de homem, enquanto ser de um tempo, de um espaço, de uma cultura e de uma história, isto é, um homem que vive no e durante o tempo. De acordo



com a autora, na perspectiva dialógica, o tempo se projeta no espaço e “só é apreendido tão-somente nas temporalidades representativas da cultura.” (MACHADO, 2010, p. 208). Como explana Machado (2010, p. 211), Bakhtin procurou entender “o tempo em diferentes perspectivas, de modo a apreender como se manifestam as simultaneidades, como o tempo se constitui no espaço, como se desenvolve, como se transforma e, ao fazê-lo, movimenta todo o sistema cultural.” Assim, podemos entender que cronotopo é

[...] uma metáfora conceitual que sustenta o edifício teórico de Bakhtin e que contribui para a compreensão das transformações do espaço-tempo não apenas no âmbito da semiose verbal. Cronotopo se firmou como uma categoria que define não apenas o *continuum* espaço-tempo, mas a semiose de diferentes sistemas de signos que enfrentam a difícil tarefa de representar a continuidade da experiência por meio de signos discretos da cultura. Da semiose verbal de onde emerge, o cronotopo orienta a compreensão da comunicação na cultura de sistemas audiovisuais, audiotáteis e dos sistemas virtuais que constroem as relações de espaço-tempo em composições arquitetônicas imprevisíveis, desafiando todo nosso conhecimento sobre as condições da própria natureza humana. **O cronotopo é uma forma de compreensão da experiência.** (MACHADO, 2010, p. 212, grifos nossos).

Inicialmente, no gênero *romance*, Bakhtin aborda o cronotopo da aventura, da praça pública, da estrada, do corpo e do encontro. Especificamente no que diz respeito ao cronotopo da aventura, Bakhtin examina a obra de Rabelais, na qual procura compreender as diversas relações espaço-temporais que ali se configuram. Para o autor, trata-se da ligação do homem e de todas as suas ações e peripécias com o mundo no contínuo do tempo e do espaço.

Em Rabelais, longe do caráter ingênuo e próximo da polêmica e do realismo grotesco², o estudo do cronotopo conduz Bakhtin (1998[1975]; 2008b[1965]) a repensar o mundo espaço-temporal dos elementos que se entrelaçam no romance a partir de novas amplidões: “a recriação de um mundo espaço-temporal adequado, um cronotopo novo para um homem novo, harmonioso, inteiro, e de novas formas para as relações humanas.” (BAKHTIN, 1998[1975], p. 283). Como resultado, Bakhtin observa que, em Rabelais, a

² “Denominamos convencionalmente ‘realismo grotesco’ ao tipo específico de imagens da cultura cômica popular em todas as suas manifestações.” (BAKHTIN, 2008b[1965], p. 27).



nova forma de cronotopo, e, portanto, uma nova forma de comunicação, produz novas formas de linguagem: novos gêneros, novos sentidos, novos usos, novos conteúdos e novas relações sociais adquiriam caráter fantástico, mágico e, ao mesmo tempo, grosseiro e carnavalesco³.

Com relação específica ao tempo em Rabelais, Bakhtin (2008b[1965]) entende que há duas dimensões: (i) o período inicial ou arcaico do grotesco, no qual Rabelais trabalha com imagens ainda primitivas dos movimentos naturais do ciclo vital (a sucessão de estações, a semeadura, a concepção e a morte). Nessa construção cronotópica, a noção de tempo é a noção do tempo cíclico da vida natural (biológica); e (ii) o período social e histórico do grotesco, no qual, Rabelais abarca os fenômenos sociais e históricos do tempo, isto é, as imagens primitivas convertem-se na estética da vida social cotidiana.

Quanto às projeções de espaço, Bakhtin (1998[1975]; 2008b[1965]) afirma que a construção espacial de Rabelais é essencialmente ligada à praça pública da cidade, às feiras populares, à praça do carnaval do fim da Idade Média e do Renascimento. Rabelais conserva com vitalidade o espaço do grotesco, do fantástico e do riso. Assim, “cada imagem [em Rabelais] [...] reflete a concepção única do mundo que se cria nas contradições, embora exista isoladamente.” (BAKHTIN, 2008b[1965], p. 128).

Dessa construção do espaço e do tempo, podemos entender que as festas populares, em Rabelais, se configuram como um jogo livre, alegre e de transformações, à medida que no atravessamento do tempo e do espaço “é o próprio *tempo* que é seu herói e autor, o tempo que destrona, ridiculariza e dá morte a todo o velho mundo (o velho poder, a velha verdade), para ao mesmo tempo dar à luz ao novo.” (BAKHTIN, 2008b[1965], p. 180, grifos do autor.). Para Bakhtin, essa concepção de tempo não é um pensamento abstrato de Rabelais, mas vem diretamente ligada ao sistema tradicional de imagens das festas populares.

³ “Damos ao termo ‘carnavalesco’ uma aceção muito ampla. Enquanto fenômeno perfeitamente determinado, o carnaval [...] revela-nos o elemento mais antigo da festa popular e pode-se afirmar sem risco de erro que é o fragmento mais bem conservado desse mundo tão imenso quanto rico [de Rabelais]. Isso autoriza-nos a utilizar o adjetivo “carnavalesco” numa aceção ampliada, designando não apenas as formas do carnaval no sentido estrito e preciso do termo, mas ainda toda a vida rica e variada da festa popular no decurso dos séculos e durante a Renascença [...]” (BAKHTIN, 2008b[1965], p. 189-190).



Em síntese, podemos afirmar que as imagens do grotesco, do riso e do carnavalesco que perpassam o cronotopo das obras de Rabelais apresentam a amplitude da realidade e da contemporaneidade de seu tempo e de seu espaço. As imagens espaço-temporais rabelaisianas se constroem sob a égide dos lugares familiares, conhecidos e experienciados do autor. Como destaca Bakhtin (2008b[1965], p. 392), “nesse mundo imediato [de Rabelais], tudo é individual e único, histórico. [...] É característico observar que, mesmo nas comparações e confrontações, Rabelais esforça-se sempre por citar objetos e fatos individuais, únicos na história.” Rabelais tende para a construção de objetos pessoalmente vividos e historicamente singulares, imagens do seu tempo. A esse respeito, Machado (2010, p. 221) lembra que, ainda que o objeto de estudo seja o romance de Rabelais, “aquilo que Bakhtin conceitua como cronotopo de aventura [...] torna-se um modelo para se pensar as formas arquitetônicas em sua formulação espaço-temporal fora do mundo da narrativa verbal.” E ainda reitera:

Pode-se afirmar sem risco de generalização que onde houver projeção de tempo no espaço (em jogos? filmes? rituais? pintura? grafismos? cidades? música? dança? canção?) haverá a possibilidade de compreender o tempo como dimensão do espaço gerador, portanto, de manifestações cronotópicas. [...] Afinal, ainda é a imagem do homem, de sua linguagem e de suas relações ambientais que jogam com os dados da existência ética e estética no universo. Este é um problema do grande tempo da cultura. (MACHADO, 2010, p. 221).

A partir disso, podemos observar como o mundo, sob os olhares rabelaisianos, adquire um novo sentido e uma nova realidade. Em outras palavras, com Rabelais, “o homem se exterioriza e se esclarece inteiramente pela palavra em todas as manifestações da sua existência.” (BAKHTIN, 1998[1975], p. 305). Com isso, os fundamentos do tempo e do espaço, em Rabelais, aparecem delineados nas imagens e nos temas do real em um novo cronotopo.

O cronotopo é, portanto, responsável pela imagem-demonstração dos acontecimentos: o espaço, o tempo, os participantes, a situação imediata, a situação ampla, graças “justamente à condensação e concretizações espaciais dos índices de tempo em regiões definidas do espaço.” (BAKHTIN, 1998[1975], p. 355). O cronotopo, de fato,



realiza as indicações precisas sobre o lugar e o tempo históricos da realização do gênero (ACOSTA-PEREIRA, 2010; 2012; ACOSTA-PEREIRA; BEZERRIL, 2011). Entendemos, a partir disso, que o cronotopo em cada gênero nos apresenta uma imagem de homem, isto é, uma determinada visão da história, da cultura, das pessoas, das experiências e da realidade (BAKHTIN/MEDVEDEV, (1985[1928], p. 134).

Assim, podemos entender que as experiências humanas são situadas no tempo-espço e, dessa forma, as pessoas necessitam aprender continuamente novos gêneros, à medida que o âmbito espaço-temporal das suas experiências culturais se expande. Além disso, como já visto, cada gênero é *adaptado* para conceptualizar alguns aspectos da realidade, isto é, “[...] cada gênero só é capaz de controlar certos aspectos definidos das experiências. Cada gênero possui princípios definidos de seleção [...] e um escopo e profundidade de penetração definidos no tempo-espço” (BAKHTIN/MEDVEDEV, 1985[1928], p. 131). Ainda, podemos entender que o cronotopo se caracteriza como o tempo-espço das atividades humanas, o *campo* para a representabilidade das experiências sociais. “É como se cada gênero possuísse um ‘campo’ específico que determinasse os ‘parâmetros’ dos eventos [...]. Estudar o campo é estudar o cronotopo.” (MORSON; EMERSON, 2008, p. 387). É nesse sentido que Rodrigues (2001) afirma que cada gênero do discurso se assenta em um dado cronotopo, que pode ser relacionado com a situação social de interação de cada gênero (ACOSTA-PEREIRA; RODRIGUES, 2010).

A partir disso, podemos afirmar que a carta de conselhos funciona no campo cronotópico da contemporaneidade, no tempo-espço da modernidade tardia. É essa percepção do tempo e do espaço e, por conseguinte, de uma *imagem de homem* que vamos discutir na próxima seção, isto é, vamos procurar responder: por que surge o gênero *carta de conselhos* nesse tempo-espço contemporâneo? Que imagem de homem o gênero *carta de conselhos*, constituído no grande cronotopo da modernidade tardia, constroi?

3 As condições sócio-históricas da carta de conselhos: o tempo-espço da modernidade tardia



À luz da compreensão do cronotopo como a imagem-demonstração dos acontecimentos no tempo e espaço discursivos, podemos entender a carta de conselhos como um gênero que nasce na dimensão tempo-espacial das **condições da modernidade tardia**⁴. Giddens (2002) explica que, nos últimos anos do século XX, diversos acontecimentos de importância social, histórica, política e econômica transformaram o cenário da vida humana. A comunicação simbólica entre os seres humanos e o relacionamento entre esses e as tecnologias cristalizaram historicamente diferentes relações sociais.

Giddens (1991; 1993; 2002) entende que o dinamismo da modernidade tardia, principalmente causado pela revolução nas tecnologias de informação e de comunicação, acabou por separar as dimensões de tempo e espaço da sua combinação estável que permitia certo controle das ações humanas. Essa separação provocou de imediato um desencaixe social e uma reordenação das relações sociais e das instituições. Segundo o autor,

As instituições da modernidade tardia diferem de todas as formas anteriores de ordem social quanto a seu dinamismo, ao grau em que interferem com hábitos e costumes tradicionais, e a seu impacto global. No entanto, essas não são apenas transformações em extensão: a modernidade altera radicalmente a natureza da vida social cotidiana e afeta os aspectos mais pessoais de nossa existência. A modernidade deve ser entendida num nível institucional, mas as transformações introduzidas pelas instituições modernas se entrelaçam de maneira direta com a vida individual, e, portanto, com o eu. (GIDDENS, 2002, p. 9).

Giddens (2002, p. 10) explica que a modernidade tardia é caracterizada por profundos processos de reorganização do tempo e do espaço, associados a mecanismos de desencaixe, “mecanismos que deslocam as relações sociais de seus lugares específicos [...]”. Ao analisarmos a situação de interação do gênero *carta de conselhos*, podemos entender que o desencaixe de tempo e de espaço relativamente estabilizou um novo cronotopo, uma outra relação social, a exposição de assuntos íntimo-pessoais ou de interesse privado no âmbito do espaço público, deslocando essa situação interativa de seu campo tradicional (as relações

⁴ Giddens (2002) também chama de “alta modernidade” e “modernidade reflexiva”. Entendemos a modernidade tardia como “a presente fase de desenvolvimento das instituições modernas, marcada pela radicalização e globalização de traços básicos da modernidade” (GIDDENS, 2002, p. 221).



familiares, as relações de amizade e as relações íntimo-pessoais) para as interações mediadas pelo jornalismo, mais especificamente, pelas revistas virtuais. Segundo Giddens, o desencaixe nas relações sociais tradicionais “radicaliza e globaliza traços institucionais preestabelecidos da modernidade e atua na transformação do conteúdo e da natureza da vida social cotidiana.” (GIDDENS, 2002, p. 10). Ainda Giddens explica que esse desencaixe e a consequente ressignificação das relações e instituições sociais são reforçados por diferentes *características da modernidade tardia*: a ordem pós-tradicional, o tempo-espço da reflexividade existencial e a cultura do risco.

Giddens explica que a modernidade tardia como uma **ordem social pós-tradicional** não significa que as certezas dos hábitos tradicionais tenham sido substituídas pela veracidade da razão, mas que se constitui em um tempo-espço estabelecido pela dúvida (um novo cronotopo). A dúvida é característica da modernidade tardia, à medida que “permeia a vida cotidiana assim como a consciência filosófica, e constitui uma dimensão existencial geral do mundo social contemporâneo.” (GIDDENS, 2002, p. 10).

Na modernidade tardia, todo conhecimento se regulariza na forma de hipóteses e afirmações que podem ser verdadeiras, mas que estão, por princípio, em constante revisão. A carta de conselhos é exemplo dessa constatação, uma vez que sujeitos com diversas dúvidas em relação aos seus anseios e desejos pessoais não encontram respostas sozinhos, por isso procuram por “fontes de autoridade” (GIDDENS, 2002, p. 11), que no caso da carta, são autorias constituídas no âmbito do jornalismo de revista *online*. Nesta busca por múltiplas fontes de explicação para suas constantes dúvidas, os sujeitos procuram por espaços de proteção e confiança, “casulos protetores” (GIDDENS, 2002, p. 11), desencaixados de seus entornos familiares ou íntimo-pessoais.

Ex.: 01 - *Namorei um rapaz dominado pela mãe. Chegamos a ponto de ela voltar tarde para casa só para ele tomar conta do irmão caçula e não sair comigo! Quando reclamei dela, ele terminou. Como lidar com alguém que não enxerga?*⁵ *Não queira se impor sobre o vínculo. Você vai perder. Freud já explicou tudo sobre isso. É o elo mais duradouro que trazemos na alma. É possível, porém, minimizar os poderes do vínculo, mas nunca batendo de frente. Seja ardilosa. Se com a mãe prevalece a prisão, ofereça um*

⁵ A carta intercalada do reclamante na carta de conselhos é marcada com negrito.



pouco de liberdade. Tenho certeza de que o prato que você lhe estenderá é bem mais saboroso. Mas não se engane: o trabalho será grande! (CRC#07).⁶

Na carta acima, a dúvida da reclamante⁷ é sobre o comportamento de seu ex-namorado. A reclamante envia sua carta à revista procurando por respostas confiáveis, que possam ajudá-la na conduta com seu ex-parceiro. O conselheiro/articulista⁸, autorizado pela instância jornalística a responder, apresenta seu conselho à reclamante, procurando “saciar” a dúvida reportada. A partir disso, percebemos que a dúvida funciona como um “fio condutor” na carta de conselhos, isto é, o aconselhamento dado é realizado a partir da apreciação da dúvida recebida.

Como afirma Giddens (2002), a **modernidade tardia é o tempo-espaço da dúvida**, da incerteza e, por consequência, da procura por respostas e soluções para as indagações pessoais. Nas cartas analisadas, as dúvidas dos reclamantes giram sempre em torno de seus próprios atos e de suas reações em relação aos atos dos outros, geralmente seus parceiros (namorado(a), marido/mulher). Podemos entender que essa questão corrobora a afirmação de Giddens de que a modernidade tardia é também o tempo-espaço da reflexividade existencial.

Giddens explica que a reflexividade do *eu*, em consonância com a influência dos sistemas institucionais, afeta diretamente o sujeito e suas relações com o mundo social. Segundo o autor, em termos gerais, essa reflexividade se conjuga à ansiedade do existir ou à falta de sentido pessoal, isto é, a “[...] uma sensação de que a vida não tem nada a oferecer [...]” (GIDDENS, 2002, p. 16). Para o autor, a modernidade tardia propicia “[...] um mergulho na ansiedade que as convenções comuns da vida cotidiana mantêm sob controle com sucesso.” (GIDDENS, 2002, p. 40), isto é, as conturbações da vida social contemporânea têm contribuído para o surgimento de perguntas sobre nós mesmos, sobre os outros e sobre o mundo. Giddens (2002) entende que são questões de um tempo-espaço

⁶ Categorização dos dados. CRC, CRN e CRV correspondem a “carta da revista *Claudia*”, “carta da revista *Nova*” e “carta da revista *Vejá*”, respectivamente. A numeração #01, #02, etc, corresponde ao número do exemplar que pertence ao *corpus* da investigação.

⁷ Denominação nesta pesquisa dada ao sujeito que envia a carta com pedidos de ajuda à revista.

⁸ Denominação dada pelas revistas ao sujeito-autor da carta de conselhos, ou seja, aquele quem responde às cartas do reclamante.



de procura por explicações de ordem existencial. De acordo com o autor, a modernidade tardia é um tempo no qual os sujeitos começam a repensar sobre “as convenções interacionais que observam” (p. 41), à procura de redefinições para suas próprias condutas.

Na carta de conselhos é comum os sujeitos apresentarem seus problemas na forma de autorreflexão. Há nas cartas dos reclamantes publicadas nas cartas de conselhos frequentemente questões de avaliação de suas próprias condutas, principalmente concernentes aos relacionamentos conjugais, extraconjugais e profissionais.

Vejamos:

Ex. 02 - *Estou namorando um homem recém-separado. Sei que ele gosta de mim, mas tenho que aturar muitas coisas do falido casamento, como uma caneca cafona com a foto do casal. Ele não está pronto para outra ou só é preguiçoso? Comprar uma casa já usada é sempre um problema, pois trará detalhes do antigo morador. O importante é você ir fazendo a reforma aos poucos. A arquiteta é você, e o talento para realizar a melhoria não virá de outro lugar. Meu pai era construtor e dizia sempre que é melhor construir que reformar. Mas nada impede que a reforma valha a pena. Uma coisa é certa: vai dar trabalho. Aos poucos e com jeito você vai fazendo as suas mudanças. Se o pedreiro for preguiçoso, dê uma acelerada no andamento. A arquiteta pode exigir.* (CRC#06)

Ex.: 03 - *Pintou um clima entre mim e o meu chefe. Já nos beijamos. Ele é lindo, tem muita pegada, mas é casado. Não quero nada com ele, apenas adoro me sentir desejada. No entanto, não quero que o homem me procure só por sexo, gostaria também de um pouco de cumplicidade. É possível? Mesmo ele dando sinais de que só quer transar? Existe chance de ele se apaixonar por mim? Seja sincera consigo mesma: qual a sua intenção ao sair com esse homem? Você diz não querer nada com ele. No entanto, torce para que o moço se apaixone... Seu chefe é casado e dá sinais de que só quer transar. Não ignore esses sinais. Ele pode muito bem querer apenas uma aventura. Você talvez queira romance e, então, corre o risco de terminar desiludida. Acontece que, de acordo com o psiquiatra e columnista de NOVA Paulo Gaudencio, só se desilude quem um dia se iludiu, concorda? Você, que está procurando romance, torce para que seu chefe queira o mesmo. O cara, que quer apenas sexo, pensa que você deseja uma transa e nada mais. Muita calma nessa hora.* (CRN#06)

Ex.: 04 - *Escrevo para dividir a minha dúvida sentimental. Para que você me ajude a tomar decisões e, quem sabe, ajude outros cujos casos sejam parecidos com o meu. Há mais de um ano, tenho uma grande amizade com um colega de trabalho, que me estendeu a mão quando fiquei muito mal por ter terminado a relação com meu ex-namorado. Embora eu seja discreto quanto ao fato de ser gay, me senti à vontade para compartilhar a minha*



dor com o colega. Ele não tem preconceito e me deu força nos momentos difíceis. Sou muito grato. Só que agora eu o desejo e fico imaginando mil estratégias para conquistá-lo. Sempre desisto porque ele é hetero, noivo inclusive. Estou entre “a cruz e a espada”. Um lado meu quer seduzi-lo, um outro teme estragar a relação de amizade. Me apaixonei pelo amigo. O que fazer? Tentar arrumar um novo namorado logo ou investir nele? Sei que esta seria a opção mais difícil e escrevi com o coração pulsando a mil. A relação entre amigos não envolve sexualidade e o seu sentimento não é o do amor verdadeiro. Porque, neste sentimento, o respeito pela liberdade do outro é fundamental e a liberdade envolve a vocação sexual da pessoa. Se o homem a quem você é tão grato é hétero e quer se casar, insistir na paixão é contrariar a vocação dele. A cada estratégia que você imagina, você o desrespeita. Sei bem que qualquer um pode se surpreender desejando um outro cujo sexo não é aquele para o qual pende habitualmente. Também sei que a sedução pode ser uma forma de violência, mas o que caracteriza a relação entre os verdadeiros amantes é a delicadeza. Você que sabe da gratidão é um homem delicado. Entendo que o seu coração pulsasse quando me escreveu, porque o ato de transgredir pode ser excitante. Só que isso não justifica ir em frente, fazer o possível e o impossível para seduzir quem não tem preconceito contra a homossexualidade, mas tem preferência por um parceiro de outro sexo. Melhor não correr o risco de atolar num beco sem saída. Sei de uma mulher que transou com outra pela internet imaginando que se tratasse de um homem. Ao descobrir que havia transado com pessoa do mesmo sexo, ficou frustradíssima, teve muito ódio e rompeu. Viver não é fácil e se torna mais difícil quando a contenção é impossível. (CRV#06)

Com base nas cartas dos reclamantes renunciadas nos exemplos acima, podemos entender que, na procura por respostas aos seus anseios existenciais, eles estão, de fato, visando à resposta do outro, à apreciação do outro, como se este se constituísse como “referenciais de existência” (GIDDENS, 2002, p. 41). Giddens explica que, na procura por referências no outro, o sujeito está, de fato, procurando por orientações que, em termos gerais, possam servir como “respostas confiáveis e inquestionáveis” (GIDDENS, 2002, p. 41). Em síntese, compreendemos que, na procura por respostas, em um cronotopo de “ansiedade existencial”, o sujeito reclamante, a partir do olhar exotópico do outro (BAKHTIN, 2003[1979]), segue orientações, conselhos e direcionamentos, como se “ajustando” aos parâmetros que o outro lhe apresenta, à medida que “[...] a confiança e a ‘coragem de ser’ se ligam de maneira decisiva à apreciação do outro.” (GIDDENS, 2002, p. 41, grifos do autor).

Na carta CRC#06, a reclamante explica que está namorando um homem recém-separado e sua preocupação está em saber se, de fato, ele já está preparado para outro relacionamento. A reclamante procura pela resposta do outro, isto é, por um conselho para



saber como agir. É como se ela não conseguisse “seguir” sem o “olhar apreciativo do outro”. O mesmo acontece nas cartas CRN#06 e CRV#06. Na primeira carta, a reclamante explica que está iniciando uma relação com seu chefe, mas precisa de respostas a suas indagações: “[...] gostaria também de um pouco de cumplicidade. É possível? Mesmo ele dando sinais de que só quer transar? Existe chance de ele se apaixonar por mim?” Já na carta CRV#06, por sua vez, o reclamante também se apaixona por seu colega de trabalho, mas a problema gira em torno da diferença de orientação sexual.

Levando em consideração a relação entre reclamante e conselheiro/articulista na carta de conselhos, podemos entender que o conselheiro/articulista contempla o outro sob um determinado excedente de visão (BAKHTIN, 2003[1979]), isto é, este procura entender o reclamante a partir de seu lugar no mundo, de sua posição singular, de seu lugar definido a partir do qual emite suas apreciações. Com isso, essa constitutividade exotópica entre o reclamante e o conselheiro/articulista determina os julgamentos que o conselheiro/articulista faz do reclamante e ratifica a ideia de Giddens (2002) sobre a procura por “referências de existência”.

Para Bakhtin (2003[1979]), o sujeito sempre responde axiologicamente a cada manifestação daqueles que o rodeiam. Assim, quando o conselheiro/articulista está aconselhando o reclamante, não está lhe “oferecendo” respostas de natureza espontânea, mas um conselho que traduz a posição emotivo-volitiva que assume face ao reclamante, como explica Bakhtin:

Quando contemplo no todo um homem situado fora e diante de mim, nossos horizontes concretos efetivamente vivenciáveis não coincidem. [...] Esse *excedente* de minha visão, do meu conhecimento, de minha posse – *excedente* sempre presente em face de qualquer outro indivíduo – é condicionado pela singularidade e pela insubstituíbilidade de meu lugar no mundo: porque nesse momento e nesse lugar, em que sou o único a estar situado em dado conjunto de circunstâncias, todos os outros estão fora de mim. (BAKHTIN, 2003[1979], p. 21-22, grifo do autor).

A resposta do conselheiro/articulista é condicionada pelo seu excedente de visão em relação ao reclamante, isto é, pelo olhar que o conselheiro/articulista pode dar para o problema do reclamante que é, efetivamente, inacessível ao próprio reclamante. É um olhar que só acontece em relação ao sujeito que aconselha para o sujeito que procura por



conselhos. O olhar do conselheiro/articulista para o reclamante é a apreciação daquele para aquilo que este não pode apreciar. O reclamante não vivencia a plenitude de seu anseio, de seu problema ou de sua angústia, ele só vivencia parcialmente e apenas em um discurso interior, como “uma linguagem de auto-sensações internas” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 24). Na busca por aconselhar, o conselheiro/articulista busca entender o problema do outro e, a partir desse olhar, motiva-se para a ajuda, mas, ao final, retorna a sua posição autoral, retorna a si mesmo, ao seu lugar de apreciação. Bakhtin explica que “se não houvesse esse retorno, ocorreria o fenômeno patológico do vivenciamento do sofrimento alheio como o meu próprio sofrimento, da contaminação pelo sofrimento alheio.” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 24). E o autor ainda completa:

Quando me compenetro dos sofrimentos do outro, eu os vivencio precisamente como sofrimentos *dele*, na categoria do *outro*, e minha reação a ele não é um grito de dor e sim uma palavra de consolo e um ato de ajuda. (BAKHTIN, 2003[1979], p. 24, grifo do autor).

Entendemos que o conselheiro/articulista, ao responder aos reclamantes, acaba que procurando, a partir do seu excedente de visão, compreender o problema dos outros, procurando vê-los como um outro os veria, mas retornando a sua posição de sujeito singular para responder aos problemas enviados. Assim, a resposta do conselheiro/articulista funciona como “[...] uma resposta confiável à ansiedade existencial do outro” (GIDDENS, 2002, p. 42), isto é, como um conselho “incontestável” para saber como namorar um homem recém-separado (CRC#06), ter um relacionamento sexual com o chefe (CRN#06) ou para saber como lidar com o anseio de ser homossexual e se apaixonar pelo colega de trabalho heterossexual (CRV#06). Em termos gerais, o conselheiro/articulista aprecia, isto é, lança seu olhar para “os momentos da existência axiológica do outro.” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 93).

Além disso, Giddens (2002) explica que a **modernidade tardia é um tempo e um espaço da cultura do risco**. O autor esclarece que não significa entendermos que a vida social contemporânea é inerentemente mais arriscada que antes, mas sim no sentido de que “a modernidade tardia reduz o risco geral de certas áreas e modos de vida, mas ao mesmo tempo introduz novos parâmetros de risco, pouco conhecidos ou inteiramente



desconhecidos em épocas anteriores.” (GIDDENS, 2002, p. 11). Segundo Giddens, a mídia impressa e eletrônica desempenha um papel central nessa disseminação dos riscos.

Giddens explica que as experiências pessoais mediadas pelos veículos de comunicação têm influenciado diretamente nas relações sociais contemporâneas. Se levarmos em consideração a carta de conselhos, vemos explicitamente como as pessoas se deslocam de relações sociais do campo íntimo-particular (mais seguras), para relações público-institucionais, expondo seus problemas em espaços institucionalizados (mais arriscados). O autor reitera que, com o advento da comunicação de massa, particularmente a comunicação eletrônica, a interpenetração de desencaixes os deslocamentos temporespaciais e interpessoais tornam-se cada vez mais comuns, como, por exemplo, expor informações pessoais em espaço público.

Baseados em Giddens, podemos entender que a situação de interação mediada pelas cartas de conselhos pode ser compreendida como “um campo de riscos” (GIDDENS, 2002, p. 13), onde as experiências pessoais são expostas sem qualquer segurança ou controle pessoal, mas apenas “[...] filtradas por sistemas abstratos institucionalizados [...]” (GIDDENS, 2002, p. 12), as revistas *online*.

As pessoas expõem, por meio das cartas de conselhos, diferentes situações íntimo-pessoais, como: relações com colegas de trabalho, relações extraconjugais, problemas com as atitudes dos parceiros, problemas financeiros, etc. Há uma despreocupação com o “abrir-se para o outro”, como se não houvesse medo e nem pudor em falar sobre seus problemas mais íntimos e pessoais, como por exemplo, na carta CRV#04, na qual a reclamante “desabafa” sobre a concepção de sexo que a família institui durante sua infância e adolescência, além do estupro que sofreu aos 16 anos.

Ex.: 05 -*Fui criada ouvindo pai, mãe e tia dizerem que sexo era a parte mais suja do ser humano. Além de ser constantemente vigiada, só tive contato com o sexo masculino aos 15 anos, no colégio misto. Não namorei por medo de engravidar. Meu pai era machista e violento. Ameaçava me matar se eu engravidasse. Tomei horror a crianças. Ele me dizia que eu era responsável pela união da família dele e da minha mãe. Mas aos 16 anos, fui estuprada por um pai de santo, que teoricamente conseguiria resolver os problemas da família, e tomei horror aos homens. Aos 36 tive pela primeira vez uma relação sexual com meu primeiro namorado, que era tão incapaz de me dar*



carinho quanto meu pai e minha mãe. Sexo sem carinho eu não quero. Dá pra entender? Hoje, canto os homens e tento esquecer o carinho mas, na hora H, minha vagina se fecha. Será que me tornei frígida ou tenho que fazer uma cirurgia para resolver esse problema? Será que devo contratar um garoto de programa? E o medo? Tornei-me médica para ver o corpo, o sexo e as pessoas de forma racional. Cuido da genitália masculina. Tenho poder sobre o pênis, mas prazer com ele eu não tenho, pois não consigo confiar no seu dono. Você escreve que “sexo sem carinho eu não quero”. E você me pergunta: “Dá pra entender?”. Eu entendi. Mas parece que não é o seu caso. Você não só teve um primeiro namorado incapaz de te dar carinho como também transa hoje com homens de quem você só se aproxima pelo sexo. Ou seja, faz o contrário do que quer, está em permanente contradição com você mesma e a vagina contraída é a expressão disso. Você diz “vem” para o outro se aproximar e não ter como chegar verdadeiramente. Sua conduta é sádica porque foi isso que você aprendeu com a sua família, que não teve por você o menor respeito. Emporcalhou o sexo com o discurso: “É a parte mais suja do ser humano” e a maternidade com a ameaça de morte. Óbvio que a solução não está na cirurgia e tampouco no garoto de programa. Ela está no discurso que você poderá reinventar se fizer análise. Por outro lado, você precisa se perguntar o que significa para você cuidar da genitália masculina. O médico em princípio não tem poder sobre qualquer parte do corpo do doente. O único poder que ele tem é o de curar, se isso lhe for dado (CRV#04).

Como podemos observar, temos na carta CRV#04 a exposição pessoal da reclamante em relação às orientações da família quanto ao sexo. Segundo a reclamante, a família sempre impôs a ideia de aberração e de “sujeira” em relação ao sexo, fazendo com que ela tivesse pouco conhecimento e esclarecimentos sobre o assunto. Aos 15 anos, teve sua primeira relação sexual com um colega da escola e, aos 16, sofreu estupro. É somente aos 36 anos que, de fato, se relaciona sexualmente com um namorado. A CRV#04 é um exemplo de como as pessoas, por meio da carta de conselhos, se expõem sem qualquer “vigilância auto-avaliativa” (GIDDENS, 2002), isto é, não há mais um “controle pessoal”, tudo pode ser dizível e autorizado a ser dito. E as revistas, como podemos ver na carta CRV#04, autorizam e publicizam essa “superexposição ariscada”.

Essa autorização acontece porque, na contemporaneidade, o jornalismo tem legitimado espaços para esse tipo de publicação. O jornalismo não é mais entendido restritamente como uma forma de comunicação social cuja principal e única função é a de informar sobre fatos, acontecimentos ou questões públicas socialmente relevantes, como afirma Pena (2007), um jornalismo informativo.



O jornalismo de revista, na publicação de cartas de conselhos, se orienta na realidade contemporânea engendrada no horizonte axiológico das condições sociais e históricas da modernidade tardia: um tempo-espço de dúvidas, de anseios e de riscos. Como podemos observar, a carta de conselho surge em um tempo-espço pós-tradicional de superexposição pessoal, de interesse pela vida do outro e de busca por “casulos protetores”. Novos tempos e novas experiências; um novo cronotopo para um novo homem: ansioso, apreensivo, inquieto, preocupado, egocêntrico, intrigado, desvelado (o reclamante) e que concebe o outro como “referencial de existência” (o conselheiro/articulista).

Em síntese, o estudo das condições sócio-históricas do gênero *carta de conselhos* pôde revelar como se constitui a relação entre o reclamante e o conselheiro/articulista mediada por esse gênero. Por meio da análise da dimensão tempo-espço da modernidade tardia investigamos a diversidade de maneiras pelas quais se pode entender as relações das pessoas com seu mundo social. Buscamos, em outras palavras, compreender o porquê de algumas pessoas recorrem ao gênero *carta de conselhos* e qual a imagem de homem que esse gênero oferece, nesse tempo-espço contemporâneo.

Após a discussão sobre as condições sócio-históricas de constituição do gênero carta de conselhos, direcionamo-nos para o estudo de sua ancoragem na revista, sua periodicidade e sua situação social de interação imediata.

4 O lugar de ancoragem da carta de conselhos na revista e sua periodicidade

Em relação ao **espaço discursivo no âmbito material das revistas**, a carta de conselhos é publicada em seções específicas. Na revista *Claudia online*, a carta de conselhos é publicada na seção *Claudia Responde*. Na revista *Nova online*, a carta é publicada na seção *Nova Responde*. Já a revista *Veja online* publica a carta em uma única seção, nomeada como *Consultório Sentimental*.

Como explica Rodrigues (2001), a seleção, a divisão do universo temático e as denominações do lugar discursivo do gênero no jornal, no nosso caso nas revistas *online*, são essencialmente processos de natureza interpretativa e valorativa. Ao retomarmos as



seções nas quais as cartas são publicadas, verificamos que o lugar legitimado para esse gênero nas revistas *online*, é, de fato, seções que buscam apresentar “respostas”, seja qual for o problema, a questão ou a dúvida do reclamante. Nesse sentido, a divisão da revista em seções, já se caracteriza como um trabalho de constituição desse gênero, valorado pela esfera do jornalismo de revista *online*.

Há nas revistas, assim como nos jornais, espaços específicos para determinados gêneros, privilegiando alguns ou conferindo menor destaque a outros. Nas revistas analisadas, as seções nas quais o gênero *carta de conselhos* é publicado são de fácil acesso e visibilidade. Os *hiperlinks* de acesso às cartas são dispostos ao final da página inicial das revistas. Reproduzimos, para visualização, o acesso às seções das cartas de conselhos publicadas na revista *Claudia*, como um exemplo. Como podemos observar, há no final da página inicial da revista vários *hiperlinks* de acesso às várias seções da revista, dentre elas o hiperlink *Nova Responde*, que conduz o leitor à seção das cartas de conselhos publicadas na revista.

Sexo e Amor	Beleza	Celebridades	Moda	Saúde	Vida e Trabalho	Nova Responde	Blogs	Arquivo
Vida de solteira	Passo a passo	Mulheres de Nova	Para conquistar	Dietas	Depoimentos	Consulta Íntima	Comer, Amar & Viajar	Clube da Lei
Coisas de casal	Cabelo	Batalha Fashion	Dia e Noite	Fitness	Polêmicas de Nova	Dr. Gaudencio	Hot Dog	Oráculo
Homens	Corpo e Rosto	Look de famosa	Verão	Nutrição	Vida Pessoal	SOS Prazer	Taça em Y	Vídeos
Esquentando o clima	Shopping	Homens de NOVA	Inverno	Saúde de A a Z	Carreira	Universo Masculino	Mas que Beleza!	Testes
Orgasmo já	Simulador de Visual				Dinheiro		Fashion, Sweet Fashion	Concurso C
Para ele ler								Assine
Nova na Conquista								

Figura 01: As seções da revista *Claudia online*.

Fonte: <<http://claudia.abril.com.br/>>. Acesso: 05 jun. 2012.

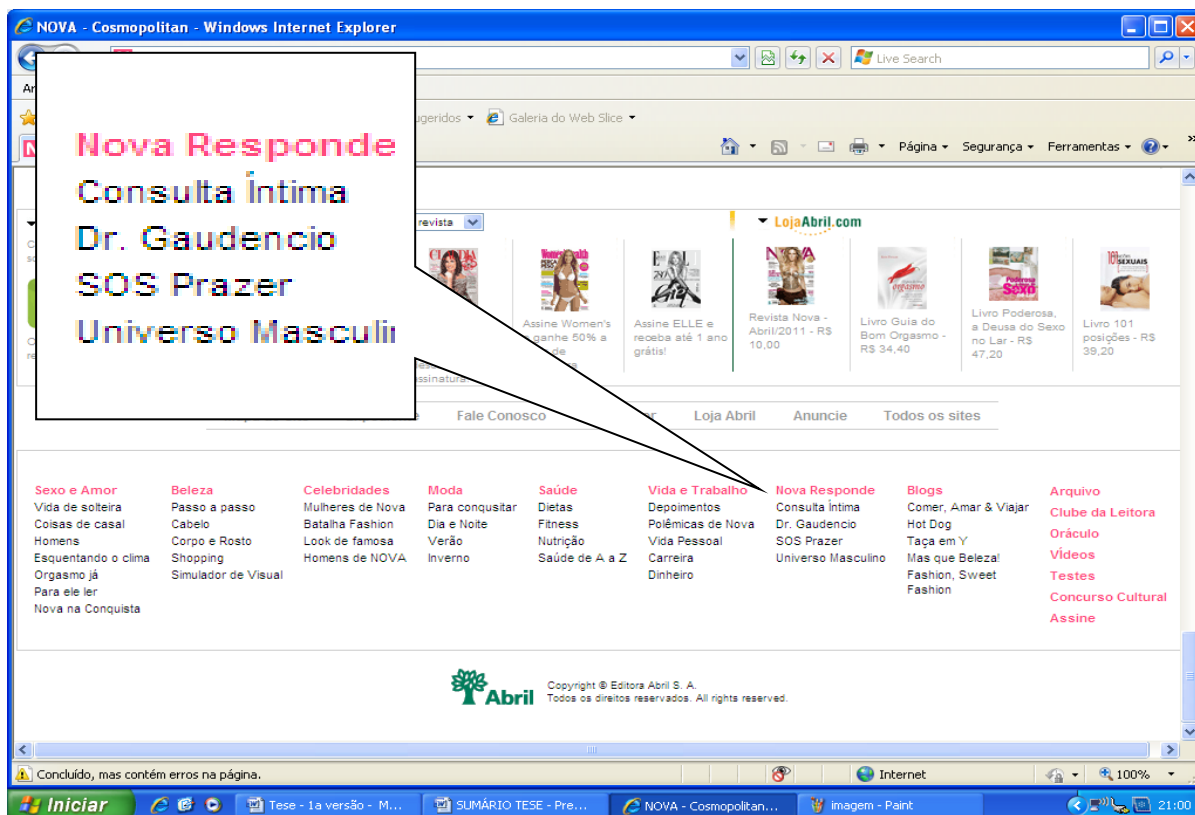


Figura 02: A seção *Claudia Responde*.

Fonte: <<http://claudia.abril.com.br/>>. Acesso: 05 jun. 2012.

Quanto à questão da periodicidade, a carta de conselhos apresenta-se como um gênero de curta temporalidade, à medida que as cartas permanecem *online* por apenas um dia e, além disso, em determinados períodos do dia, os diversos textos da revista são, de certa forma, multiplicados, isto é, as cartas que são publicadas num determinado horário são somadas a outras no horário seguinte. A esse respeito, verificamos, ao acompanhar durante sete (7) dias a circulação das cartas nas revistas, as seguintes particularidades quanto à incidência quantitativa diária de cartas de conselhos publicadas nas revistas *Claudia online*, *Nova online* e *Veja online*. Antes ratificamos que a incidência quantitativa diária levou em consideração o total de cartas de conselhos, sem considerar as diferentes seções temáticas (subseções que apenas se encontram nas revistas *Claudia online* e *Nova online*), nem os diferentes horários de “postagem” de novas cartas nas revistas.



Com base na análise desses dados, podemos compreender que a periodicidade da carta de conselhos é diária, ou seja, a sua temporalidade limita-se ao período de 24 horas, à medida que, mesmo com a “postagem” de novas cartas, as anteriores permanecem durante todo o dia, juntamente com as novas. A incidência diária segue uma relativa estabilidade, posto serem publicados em média de 10 a 14 textos do gênero nas revistas analisadas, o que nos leva a concluir que não há uma circulação desigual do gênero nas três revistas. A revista *Claudia* publicou de 10 a 12 cartas durante a semana de acompanhamento, enquanto que a revista *Nova* publicou de 10 a 14 cartas e a revista *Veja*, de 11 a 13 cartas.

Em termos gerais, nessa seção procuramos compreender o lugar de ancoragem da carta de conselhos nas revistas *online*, assim como o tempo de circulação das cartas, isto é, sua periodicidade. Observamos que o gênero *carta de conselhos* é veiculado em seções específicas, nas três revistas, e segue uma periodicidade de 10 a 14 cartas publicadas por dia. Assim, sendo, constatamos que esse gênero apresenta grande incidência de publicação nas três revistas: *Claudia*, *Nova* e *Veja*.

5 A posição de autoria

De acordo com Bakhtin (2003[1979]), todo enunciado tem um autor, isto é, uma posição de autoria. E mais, a posição discursiva de autoria do enunciado depende do seu gênero, ou seja, cada gênero possui uma concepção específica de autor (ACOSTA-PEREIRA, 2008; 2012). Assim sendo, não pode haver discurso separado do falante, de sua situação, de sua relação com o ouvinte e do gênero do discurso, pois “a forma de autoria depende [também] do gênero do enunciado [...]. Quem fala e a quem se fala. Tudo isso determina o gênero, o tom e o estilo.” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 389-390).

Podemos assim compreender que especificidades da comunicação discursiva carregam consigo determinações das diversas formas de posicionamento autoral. Em relação à **autoria do gênero *carta de conselhos***, consideramos que **o autor do gênero é o conselheiro/articulista**, pois entendemos que é ele quem dá o acabamento ao gênero. Nas revistas selecionadas, as cartas de conselhos são escritas por profissionais considerados



conselheiros ou articulistas, que buscam responder às perguntas de diferentes pessoas denominadas, como já dito, de reclamantes. O conselheiro/articulista é frequentemente um profissional especialista no assunto, ou uma personalidade de sua esfera de atuação. Diferentemente das revistas *Claudia* e *Nova*, nas quais o especialista é denominado de “conselheiro”, na revista *Veja*, o especialista é denominado de “articulista” e pertence ao quadro fixo dos profissionais da revista.

Dessa forma, podemos entender que a carta de conselhos pode ser enunciada por um médico, um escritor, um padre, um ator ou por qualquer outro profissional convidado, como nas revistas *Claudia* e *Nova*, ou por um articulista fixo da revista, como na revista *Veja*. Para melhor entender quem são esses profissionais que assumem a posição de autoria de conselheiros/articulistas, adaptamos as questões propostas por Rodrigues (2001, p. 137) para o estudo sobre a autoria no gênero *artigo assinado*, a citar: (a) quem é o profissional que responde às cartas? (b) de que lugar social esse profissional se enuncia? (c) qual o seu papel na comunicação jornalística? (d) qual o papel da revista como uma posição de autoria em potencial?

Em relação a quem sejam os profissionais que escrevem as cartas, entendemos que nem sempre são especialistas no assunto tematizado pelo reclamante. Conforme explicações nas páginas virtuais das revistas, os conselheiros/articulistas podem ser padres, atores, escritores, psicólogos, dentre outros profissionais que são convidados a ler as cartas dos reclamantes e escrever a carta de conselhos. Além disso, os dados demonstram que há conselheiros/articulistas que são convidados a assumir a autoria desse gênero em outras revistas, mas não encontramos, nesta pesquisa, a publicação das mesmas cartas em revistas e datas de publicação diferentes. Portanto, um profissional que assume a autoria de conselheiro/articulista em uma determinada revista, pode, eventualmente, assumir essa autoria também em uma outra revista.

A partir da análise dos dados, na tabela abaixo, apresentamos informações sobre o profissional, isto é, sobre a “pessoa falante” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 390) que assume “a posição de autoria” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 389) de conselheiro/articulista no gênero *carta de conselhos*.



Revista	<i>A pessoa falante</i>	<i>Papel na hierarquia social (BAKHTIN, 2003[1979], p. 390).</i>
Claudia	Ana Cristina Canosa Dulce Critteli Fábio de Melo Juliana Sampaio Lana Harari Magali Moraes Martha Medeiros Mônica Martelli Samanta Obadia Suzana Pires Paulo Gaudêncio	Sexóloga Terapeuta e professora de Filosofia na PUCSP Padre Escritora Psicoterapeuta Escritora Escritora Atriz Psicoterapeuta e filósofa Atriz Psicólogo
Nova	Paulo Gaudêncio Outros	Psicólogo Sem identificação
Veja	Betty Milan	Psicanalista

Tabela 01: Os profissionais que assumem a autoria de conselheiro/articulista no gênero *carta de conselhos*.

Na tabela acima, podemos visualizar os profissionais que assumem, na situação de interação mediada pelo gênero *carta de conselhos*, a postura de conselheiro/articulista. Com base nos dados, podemos afirmar que todas as cartas são assinadas, isto é, todas apresentam ao final a assinatura do conselheiro/articulista. Isso demonstra que há uma preocupação da revista em apresentar a assinatura do conselheiro/articulista na publicação da carta de conselhos que, juntamente com a publicação da sua foto, reforça a ideia, ao leitor, de que “há, de fato, alguém que escreve a carta” e que é uma autoria legitimada para tal.

Os dados também nos levam a entender o lugar social de onde enuncia o profissional que assume a posição de conselheiro/articulista. As cartas são assinadas por conselheiro/articulistas das áreas das ciências psicológicas, da literatura, das artes cênicas e da religião. Entretanto, a maior incidência é de profissionais da área das ciências psicológicas, isto é, são psicólogos, psicanalistas ou psicoterapeutas que assumem a posição de autoria de conselheiros/articulistas. Vejamos exemplos de cartas assinadas por um profissional da área da psicanálise, da religião e da literatura, respectivamente.



Ex.: 06 - *Tenho 27 anos e meu namorado tem 34. Namoramos três anos e ficamos dois anos separados. Estamos juntos novamente há poucos meses. Ele tem pavor do casamento. Nunca foi casado, mas tem um filho de 14 anos. O pai dele morreu quando ele tinha 2 anos e a mãe teve um relacionamento conturbado com outro homem, o que o levou a morar sozinho aos 17. Primeiro, o nosso namoro acabou por eu deixar claro que queria me casar e não estava disposta a namorar longos anos. Agora, falo com muito cuidado sobre o assunto, ele gosta, mas quando vamos planejar, recua. Ele diz que quer ter uma família, mas não desenvolve o assunto. Eu, por minha vez, tenho uma família tradicional que “exige” o casamento. Não quero passar mais três anos namorando para depois não conseguir formar uma família. Se não casar com ele, vou começar do zero novamente aos quase 30 anos. Às vezes, acho que não vejo as coisas claramente. Que está claro para todo mundo, menos para mim, que ele não vai se casar nunca. Socorro !!! A mãe do seu namorado perdeu o marido quando o filho tinha dois anos. Se acaso foi feliz no casamento, a felicidade durou pouco. Depois, teve um relacionamento tão conturbado que o filho foi obrigado a sair de casa. Ou seja, foi novamente infeliz e o menino, que já havia crescido sem pai, foi obrigado a se separar precocemente da mãe. Só por aí já dá para entender que o seu namorado tenha horror ao casamento. Não sabe o que é uma vida de família boa. Por outro lado, aos 20 anos, ele teve um filho, ou seja, se tornou pai solteiro. A paternidade e o casamento para ele estão dissociados. Para você, que vem de uma família tradicional, um não existe sem o outro. Vocês dois não têm o mesmo ponto de vista. Seria bom saber o que o namorado quer dizer quando fala em fazer uma família. Ter mais um filho com você sem se casar? Você precisa correr o risco do esclarecimento e tomar uma decisão em função disso. Tanto pode ser se separar e ficar esperando casamento porque nada é mais importante para você do que isso ou ficar com o atual namorado para o que der e vier, aceitando-o como ele é. Agora, se você se separar, não faça isso porque a família “exige” o casamento, mas porque você quer assim. Obedecer à exigência da família não faz sentido porque a vida é sua, ou seja, quem paga pelos erros é você. (CRV#01)*

Ex. 07 - *Tenho 34 anos e sonho em ter filhos, mas meu marido já tem três de outro relacionamento e não quer mais. Às vezes, penso em sabotar nosso método contraceptivo e dizer simplesmente que "falhou". Ele adora crianças e tenho certeza de que, depois, ficará tudo bem. É muito desleal da minha parte? Não faça isso. Filho não pode ser uma decisão solitária. A vida a dois é experiência de decisão partilhada! Tenho certeza de que você não fica feliz quando ele toma decisões importantes sem a sua opinião. Jogue limpo. É o melhor jeito de ganhar. (CRC#04)*

Ex.: 08 - *Pela internet, me relacionei com um cara que se descrevia como "moreno, alto, sarado" e que, num encontro cara a cara, era baixinho, franzino e...bem, nem me animei a investigar se o corpo era sarado. Não disse nada, mas fiquei furiosa. Se topar com outro mentiroso na web, posso desancar o cara? A internet propicia essas falcaturras, faz parte do jogo. Ele deve ter pensado que você reza pela cartilha do "mentiras sinceras me interessam" e que se surpreenderia ao descobrir que o baixinho franzino era um cara legal. Mas é uma frustração, reconheço. Só que não é caso de*



desancar ninguém é raro alguém se apresentar dizendo: "Eu ronco, tiro meleca do nariz, não abro a porta do carro, sou totalmente sem graça". Na hora de se autodescrever, o pessoal incrementa os dotes na maior cara-de-pau. Na próxima vez, saia de casa com uma boa reserva de humor e, se o sujeito for mesmo "moreno, alto e sarado", aleluia! (CRC#03)

A carta CRV#01 é assinada pela psicanalista Betty Milan. Ao assumir a posição de autoria de conselheiro/articulista, a psicanalista traz, de seu lugar social de atuação profissional, vestígios discursivos de sua área de trabalho que se projetam em seu conselho. A resposta na carta CRV#01 é toda voltada à análise da situação-problema, dos envolvidos e dos conflitos reportados pela reclamante. O conselheiro/articulista apresenta seu conselho como se estivesse avaliando a situação do paciente em uma sessão de psicanálise.

A carta CRC#04 é assinada pelo Padre Fábio de Melo, enquanto que a carta CRN#03 é assinada pela escritora Martha Medeiros. Na carta respondida pelo padre, temos um direcionamento mais cauteloso e prudente, com certo “tom religioso”. Segundo o padre, o reclamante tem que seguir um caminho “limpo” (puro) para se entender com o parceiro. Na carta CRC#03, por sua vez, assinada pela escritora Martha Medeiros, temos um conselho mais “extrovertido”, com direcionamentos menos cautelosos e mais voltados à ideia “vá em frente e tente outra vez”, diferentemente dos conselhos da psicanalista e do padre.

Cabe, nesse momento, retomarmos Rodrigues (2001) para explicar que, semelhante à situação de interação mediada pelo gênero *artigo assinado*, nas situações de interação nas quais os conselheiros/articulistas se enunciam, não se está diante de uma situação de comunicação própria da esfera desse profissional. O conselheiro/articulista fala à luz da sua esfera de atuação como um representante legitimado por ela, porém extrapola essa esfera, não se condicionando ao(s) discurso(s) desta. Em outras palavras, nas cartas de conselhos, não estamos diante de uma situação de consulta psicanalítica (CRV#01), de uma confissão ao padre (CRC#04) ou de uma leitura de um livro de autoajuda (CRC#03), embora elas sejam assinadas por um psicanalista, por um padre e por uma escritora, respectivamente. Como explica a autora, estamos diante de uma situação de interação mediada pelo jornalismo (especificamente, em nosso caso, pelo jornalismo de revista *online*) e que se



adapta às condições de produção dessa esfera. Em síntese, não é o médico, o padre ou a escritora quem assina a carta de conselhos, mas, o conselheiro/articulista que assume essa postura da autoria [de ser um “conselheiro”] a partir dos “papeis que representa na hierarquia social [ser um médico, um padre, um escritor]” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 390).

Quanto ao reconhecimento social e profissional, compreendemos que ainda há uma flutuação ou imprecisão terminológica para denominar essa autoria e que se enuncia na carta de conselhos em revistas. Há, nos termos de Rodrigues (2001), uma instabilidade semântica, haja vista as revistas ainda apresentarem denominações diferentes como “conselheiro” e “articulista”. Essa constatação pode conduzir-nos à compreensão de que não há ainda, na esfera do jornalismo, “um reconhecimento social da posição discursiva” dessa autoria no conjunto da comunicação jornalística. Em contrapartida, há sim certa credibilidade conferida pelos leitores da revista à fala do conselheiro/articulista, colocando-o como um “especialista no assunto”.

Além disso, podemos considerar a revista como uma posição de autoria em potencial, isto é, a revista, enquanto espaço de publicação das cartas de conselhos não apenas, como já dito, legitima e autoriza o espaço de veiculação de cartas de conselhos, como também assina implicitamente a carta. Em outras palavras, a revista ideologicamente aprova e libera a publicação de cartas de conselhos, em espaços de ancoragem específicos (seções específicas), assim como, valorativamente, imprime sua marca (da revista) na carta. A carta de conselhos se enquadra na mesma projeção de valores da revista, refletindo ou refratando os modos de conceber e entender a realidade constitutivos dessa revista. Com isso, a carta de conselhos não apenas é assinada explicitamente por um conselheiro/articulista, mas ideologicamente, de forma potencial, pela revista em que é publicada. Assim sendo, podemos afirmar que o conselheiro/articulista é o autor das cartas de conselhos, um autor que se projeta e consubstancia seu discurso a partir das posições ideológico-valorativas da revista na qual as cartas que assina são publicadas. A posição de autoria do conselheiro/articulista está integrada à posição ideologicamente marcada da revista.

Em síntese, podemos entender que a carta de conselhos é escrita por diferentes profissionais que assumem, nessa situação de interação, a posição de autoria de



conselheiro/articulista. Como vimos, os conselheiros/articulistas podem ser representantes de diferentes hierarquias sociais: médicos, padres, escritores, professores e atores que, mesmo extrapolando sua esfera de atuação, enunciam com vestígios discursivos destas. Comprendemos, ao fim, que, como já dito, todo gênero tem sua posição de autoria e essa postura autoral não se refere a uma pessoa física, mas a uma “forma de autor” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 390) discursivamente inscrita no gênero.

Em termos bakhtinianos, a posição de autoria refere-se a uma postura de autor e essa, por sua vez, é a “[...] forma como se revela a pessoa falante.” Além disso, como é a projeção de interlocutor e do seu fundo aperceptivo que orienta o autor, influenciando naquilo que é dito e como é dito, passamos, na próxima seção, a discutir o interlocutor previsto do gênero *carta de conselhos*.

6 O interlocutor previsto

Como já dito, o interlocutor e seu fundo apreciativo orientam o autor e influenciam naquilo que é dito e como é dito. De acordo com Bakhtin (2003[1979], p. 302),

Ao falar, sempre levo em conta o fundo aperceptível da percepção do meu discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo de cultura da comunicação; levo em conta as suas concepções e convicções, os seus preconceitos (do meu ponto de vista), as suas simpatias e antipatias – tudo isso irá determinar a ativa compreensão responsiva do meu enunciado por ele.

Nessa perspectiva, o autor do enunciado se orienta pela visão que projeta do seu interlocutor (destinatário). Além disso, tal como visto com a posição de autoria, cada gênero tem uma concepção de interlocutor. **O interlocutor previsto do gênero *carta de conselhos* constitui-se no leitor da revista em que o gênero é publicado.** Embora entendamos que, em função da intercalação da carta do reclamante na carta de conselhos, haja um certo “cronotopo encenado” e, neste, o reclamante assume a postura de interlocutor previsto, engendrado no suposto diálogo que se constrói entre o reclamante e



o conselheiro/articulista (pergunta-resposta), compreendemos que, mesmo com essa especificidade, o reclamante se enquadraria na projeção de interlocutor previsto da revista. A partir dessas considerações, Sendo assim, inicialmente apresentamos o perfil do leitor das revistas pesquisadas, conforme consta em suas páginas virtuais:

Revista	Classe	Público		Idade do público	
		Femino	Mascu-lino	feminino	masculino
Claudia	A, B, C	90%	10%	25 a 45	30 a 45
Nova	A, B, C	90%	10%	18 a 49	30 a 49
Veja	A, B, C	53%	47%	20 a 50	20 a 50

Tabela 02: Informações acerca do perfil do público-leitor da revistas *online Claudia, Nova e Veja*, conforme dados em suas páginas virtuais.

As três revistas atendem às classes A, B e C. As revistas *Claudia* e *Nova* são direcionadas ao público feminino (90% dos leitores), enquanto a *Veja*, embora com uma porcentagem maior de leitoras, ainda atende a 47% de leitores do sexo masculino. As revistas *Claudia* e *Nova* apresentam um perfil de leitor com idades entre 18 e 49 anos e a *Veja*, por sua vez, entre 20 e 50 anos.

Entendendo que todo gênero do discurso possui uma concepção de autor e interlocutor e que o gênero ao orientar-se para seu objeto de discurso inclui os participantes da interação e suas posições axiológicas face a esse objeto, procuramos, a partir do perfil do leitor das revistas, compreender o porquê do interesse dos leitores pelas cartas de conselhos, o que nos direciona mais especificamente para a concepção de interlocutor do gênero *carta de conselhos*.

Primeiramente, podemos dizer que as cartas são publicadas porque o jornalismo de revista *online* tem apostado no entretenimento e na espetacularização da vida, isto é, tem buscado, cada vez mais, “transpor para as revistas” fatos e acontecimentos da vida particular. Assim, a revista “vende” problemas, dúvidas e anseios de outrem, porque é também de interesse dos leitores ler sobre “o que acontece na vida do outro”. Saber sobre o que acontece com quem namora alguém recém-separado (CRC#06), com alguém que tem relações sexuais com o chefe (CRN#06) ou saber sobre a vida sexual problemática de outrem (CRV#04) tem sido de interesse público. Há um interesse da revista em publicar, porque há um interesse previsto do leitor em ler.



Além disso, a revista acaba publicando cartas de conselhos que podem, por exemplo, “se encaixar” no problema pessoal do leitor. Em outras palavras, pode ocorrer uma “coincidência previsível”, isto é, a carta de conselhos publicada no dia pode estar apresentando uma direção (aconselhamento) para um problema que pode ser também problema de um dos leitores da revista. Ao publicar a carta de conselhos com “soluções” para “problemas” específicos, esse conselho pode repercutir e ser a solução para um problema de um leitor outro. Assim, a carta de conselhos pode servir como um “manual de autoajuda” e as revistas parecem “apostar” nessa estratégia de adesão.

Com isso, podemos entender que o interesse em ler cartas de conselhos nas revistas está relacionado ao interesse público pela vida particular do outro. Como já dito, parece haver um crescente aumento de interesse do público leitor das revistas pela vida íntima do outro, pelos seus anseios e seus problemas pessoais. Dessa forma, podemos afirmar que **o interlocutor previsto do gênero carta de conselhos é o leitor da revista em que o gênero é publicado, um leitor que tem interesse em saber sobre os problemas do outro, sobre seus anseios e indagações íntimo-pessoais.** Em outras palavras, é um leitor que não quer apenas “olhar pelo buraco da fechadura”, mas deseja estar “do outro lado da porta”.

Como visto, na perspectiva dialógica (ACOSTA-PEREIRA; RODRIGUES, 2009; 2010) todo gênero tem uma concepção de autor e de interlocutor. O autor sempre produz seu enunciado orientado pela visão que tem de seu destinatário. Assim, a carta de conselhos tem um leitor previsto: um sujeito interessado em ler sobre a vida pessoal de outrem, de “espiar” a vida de outrem, além de receber conselhos para seus problemas íntimo-pessoais, mesmo que esses conselhos sejam dados, em princípio, como respostas para os problemas particulares do outro.

Dadas as condições sócio-históricas e ideológicas da modernidade tardia, **o leitor das cartas de conselhos segue uma caminho ideologicamente marcado pela ótica mercantilista.** Como as cartas são publicadas diariamente nas revistas *online*, o leitor tem livre acesso a elas que, ao serem publicizadas em revistas públicas, podem ser comercializadas como produtos, *commodities*, como afirma Giddens (2002). Com isso, os problemas pessoais de outrem são colocados à disposição dos leitores, como se fossem



meros produtos a serem comercializados. O leitor, ideologicamente atravessado por essa posição valorativa de publicação de relatos íntimos do outro, passa a representar o papel de consumidor dos problemas alheios. Como afirma Giddens (2002), estamos em um momento que todas as relações interpessoais estão sendo tratadas pela ótica ideológica do mercado: tudo está à venda ou pode ser comercializado, inclusive a intimidade, como nas cartas de conselhos. Em síntese, temos, na situação de interação mediada pelas cartas de conselhos, um leitor interessado em saber mais sobre tudo que intimamente acontece com o outro e atravessado ideologicamente pelos valores e apreciações mercantilistas da revista (o que também justifica a ideia acima da revista como uma posição de autoria em potencial).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Saber sobre a vida particular de outrem, conhecer seus problemas íntimo-pessoais, além de procurar entender o que acontece com o outro tem cada vez mais encontrado espaço no jornalismo de revista, especialmente no que se tem denominado de jornalismo especializado. De acordo com Pena (2007), no palco do jornalismo contemporâneo, o espetáculo é a vida do outro, caracterizando o que podemos denominar de jornalismo de entretenimento. Pena (2007) explica que, com o jornalismo de entretenimento, a tendência atual é de converter a realidade em encenação: as relações pessoais, os rompimentos conjugais, as traições, dentre outras particularidades da vida íntima de outrem passam a tematizar os mais diversos gêneros (notícia, reportagem, entrevista, carta de conselhos, por exemplo) do jornalismo de entretenimento. Como já dito, na busca pelo jornalismo por entretenimento, a vida pessoal do outro passa a ser o roteiro de dramatizações do real.

Giddens (2002) entende que, ao popularizar a vida de outrem nas publicações diversas, a venda dos fatos particulares da vida de alguém tem caracterizado o que o autor denomina de comodificação discursiva, isto é, a vida íntima de outrem passa a ser um *commodity* (um produto, uma mercadoria) a ser comercializado pelo jornalismo. Ao ser publicado por revistas *online*, o gênero *carta de conselhos* expõe fatos, experiências e problemas particulares de pessoas que buscam, na voz de outro, nesse caso o conselheiro/articulista, um direcionamento, uma solução ou um conselho. Uma vez que essa resposta é publicada por



meio da revista, também o leitor tem acesso aos acontecimentos da vida de outrem: problemas conjugais, extraconjugais, profissionais, sexuais, familiares, dentre outros. O leitor entretém-se com a carta de conselhos e a revista investe nesse “entretenimento comodificado” (ACOSTA-PEREIRA, 2012), no qual o produto à venda para a diversão dos leitores é a vida particular de outrem. Por esse interesse na vida privada do outro, os conselhos para problema íntimos também passam a ganhar destaque no meio das publicações. Com o intuito de ditar regras e normas sobre determinadas formas de viver melhor e de se comportar no mundo, as revistas têm investido no “discurso aconselhativo e instrutivo” (ACOSTA-PEREIRA, 2012). Essa tendência tem sido denominada de *jornalismo prescritivo* ou de *autoajuda*.

Assim sendo, entendemos que o gênero *carta de conselhos* apresenta-se, na contemporaneidade, como um dos diversos meios interativos de as pessoas procurarem por aconselhamentos de como agir, de como se comportar e do que fazer em relação aos seus problemas íntimo-pessoais, já balizados por um dado horizonte apreciativo dominante. De certa forma, esse gênero potencializa a abertura do jornalismo, neste caso, do jornalismo de revista *online* para a divulgação do discurso privado em meio público, consubstanciando uma relação de diálogo paradoxal. Giddens (1991) entende esse paradoxo como uma transformação da confiança nas relações pessoais, intrinsecamente relacionado com a transformação da intimidade nas práticas sociais. Para o autor, na contemporaneidade, o desenvolvimento das instituições sociais modernas tem criado possibilidades para as pessoas gozarem de uma existência segura de forma totalmente diferente de qualquer tipo de sistema pré-moderno. Assim, segundo o autor, parece haver uma reapropriação ou remodelação das relações sociais desencaixadas da esfera íntima em direção ao âmbito da esfera institucionalizada.

Compreendemos, assim, que o jornalismo de revista, contemporaneamente constituindo-se como um jornalismo especializado, tem se tornado, aos olhos dos leitores, um perito em assuntos da vida pessoal. As revistas passam a representar o papel do(a) amigo(a) do (a) leitor, seu(sua) confidente, seu(sua) conselheiro(a) e a apresentar respostas mais confiáveis do que as do outro ao seu lado (ACOSTA-PEREIRA, 2012). Giddens (1991) entende que essa questão da confiança em sistemas peritos não é apenas um



comportamento com o intuito de gerar uma sensação de segurança a respeito de um universo de problemas e anseios pessoais, mas, de fato, “uma questão de cálculo de vantagem e risco em circunstâncias onde o conhecimento perito simplesmente não proporciona esse cálculo, mas, na verdade, cria o universo de eventos, como resultado da contínua implementação reflexiva desse próprio conhecimento.” (GIDDENS, 1991, p. 88).

Em conclusão, dada a análise do cronotopo da carta de conselhos, concordamos com Giddens (2002, p. 45) que, na modernidade tardia, estamos à procura “[...] de conhecer a realidade não a partir da percepção dela como ela é”, mas a partir dos olhos e interpretações do outro. Ao procurar por respostas, o reclamante visa à apreciação do outro, ao olhar do outro sobre ele, como pontua Bakhtin (2010[1920-1924], p. 115), “todos os valores e as relações espaço-temporais e de conteúdo-sentido tendem a momentos emotivo-volitivos centrais: eu, o outro e eu-para-o-outro”, imagens enunciativo-discursivas típicas, entendemos, do gênero *carta de conselhos*.

REFERÊNCIAS

ACOSTA-PEREIRA, R. *O gênero carta de conselhos em revistas online: na fronteira entre o entretenimento e a autoajuda*. Tese (Doutorado em Linguística). UFSC, PGLg, Florianópolis-SC, 2012.

_____. Cronotopo, esfera e autoria no gênero notícia impressa. *Revista Letra Magna*. Ano 06, n. 12, janeiro-julho, 2010. Disponível em http://www.letramagna.com/artigo15_XII.pdf. Acesso em 20-11-2013.

_____. *O gênero jornalístico notícia: dialogismo e valoração*. Dissertação (Mestrado em Linguística). UFSC, PGLg, Florianópolis-SC, 2008.

ACOSTA-PEREIRA, R; RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso sob a perspectiva da Análise Dialógica de Discurso do Círculo de Bakhtin. *Revista Letras*, UFSM, Santa Maria – RS, v. 01, n. 40, 2010. Disponível em http://w3.ufsm.br/revistaletras/artigos_r40/artigo_08.pdf. Acesso em 20-11-2013.

_____; RODRIGUES, R. H. Perspectivas atuais sobre gêneros do discurso no campo da Linguística. *Revista Letra Magna*, Ano 05, n. 11, julho-dezembro, 2009. Disponível em <http://www.letramagna.com/generoslinguistica.pdf>. Acesso em 21-11-2013.

ACOSTA-PEREIRA, R; BEZERRIL, G. S. O conceito de cronotopo em Bakhtin e o Círculo: matizes rabelaisianos. *Revista Intertexto*, UFTM, Uberaba-MG, v. 4, n. 2, julho-dezembro, 2011. Disponível em <http://www.uftm.edu.br/revistaelectronica/index.php/intertexto/index>. Acesso em 20-11-2013.



ACOSTA-PEREIRA, R; SOUZA, J. A. B. de. O pesquisador e seu lugar exterior: exotopia e responsi(a)bilidade. *Revista Querubim*, UFF, Rio de Janeiro, Ano 07, n. 15, v. 02, 2011. Disponível em http://www.uff.br/feuffrevistaquerubim/images/arquivos/zquerubim_15_2011_vol_2.pdf. Acesso em: 20-11-2013.

AMORIM, M. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas*. São Paulo: Musa Editora, 2004.

BAKHTIN, M. M./MEDVEDEV, P. N. *The formal method in literary scholarship*. A critical introduction to sociological poetics. Cambridge: H.U.P, 1985 [1928].

BAKHTIN, M. M. *Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance*. Tradução do russo por Aurora Fornoni Bernardini *et al.* 4ª ed. São Paulo: UNESP; Hucitec, 1998 [1975].

_____. *Estética da Criação Verbal*. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1979].

_____. *O Freudismo: um esboço crítico*. Trad. Do russo por Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 2004 [1924].

_____. (Volochninov). *Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução do francês por Michel Lahud e Yara F.Vieira. 12º ed. São Paulo: Hucitec, 2006 [1929].

_____. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Tradução do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a [1929].

_____. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Editora Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2008b [1965].

_____. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João, 2010 [1920/1924].

GIDDENS, A. *A política da mudança climática*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2010.

_____. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2002.

_____. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor, e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: UNESP, 1993.

_____. *As consequências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.

GIDDENS, A. & LASH, S. *Modernidade reflexiva: política, tradição estética na ordem social moderna*. São Paulo: UNESP, 1997.

MACHADO, I. A questão espaço-temporal em Bakhtin: cronotopo e exotopia. In: PAULA, L. de; STAFUZZA, G. (Org.) *Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010, p. 203-234.

MORSON, G. S; EMERSON, C. *Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Edusp, 2008.



PENA, F. *Teoria do Jornalismo*. São Paulo: Contexto, 2007.

RODRIGUES, R. H. *A Constituição e Funcionamento do Gênero Jornalístico Artigo: Cronotopo e Dialogismo*. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem – LAEL – PUCSP). São Paulo: PUCSP, 2001.

ROJO, R.. Fazer Lingüística Aplicada em Perspectiva Sócio-histórica: Privação Sofrida e Leveza de Pensamento. In: MOITA LOPES, L. P. (org.). *Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006. p. 253-274.